



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ELIANE ALVES DA SILVA ALMEIDA

A AFETIVIDADE E OS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA EJA

João Pessoa – PB

2024

A AFETIVIDADE E OS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA EJA

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao Centro de Educação, como parte das exigências para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Vanderlan Paulo de Oliveira Pereira

João Pessoa

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A447a Almeida, Eliane Alves da Silva.
A afetividade e os processos de ensino-aprendizagem
na EJA / Eliane Alves da Silva Almeida. - João Pessoa,
2024.
60 f. : il.

Orientação: Vanderlan Paulo de Oliveira Pereira.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Afetividade. 2. Ensino aprendizagem. 3. Educação
de adultos. I. Pereira, Vanderlan Paulo de Oliveira.
II. Título.

UFPB/CE CDU 374.7(043.2)

ELIANE ALVES DA SILVA ALMEIDA

A AFETIVIDADE E OS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA EJA

Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora, designada pelo Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Documento assinado digitalmente
 **VANDERLAN PAULO DE OLIVEIRA PEREIRA**
Data: 11/11/2024 18:14:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Vanderlan Paulo de Oliveira Pereira
Orientador

Prof. Dr. José Vaz Magalhães Neto
Examinador

Prof. Me. Luciano de Sousa Silva
Examinador

João Pessoa
2024

Dedico este trabalho à Maria de Lourdes, minha mãe e fonte inspiradora deste tema, que com seu afeto e paciência ensinava os vizinhos adultos a leitura e a escrita.

AGRADECIMENTO

A Deus, força maior, que me fortaleceu em saúde e confiança para acreditar que com dedicação e esforço as possibilidades aumentam.

A meu companheiro, quem primeiro me incentivou a prestar o Enem. Seu amor, incentivo e companheirismo me motivaram a terminar esta etapa.

A meu filho, pelo carinho e paciência em me acompanhar nas aulas, e pelo companheirismo em esperar o ônibus comigo e entender minha frustração quando a espera era em vão.

A meus pais e irmã, pelo carinho, apoio e incentivo me impulsionando a continuar.

A meu professor e orientador, que de coração aberto aceitou orientar-me neste projeto. Sua compreensão e incentivo foram fundamentais para me manter sã durante minha escrita.

Aos professores que compuseram à banca examinadora e estiveram comigo em alguns percursos desta jornada, partilharam conhecimentos e contribuíram para meu crescimento na escrita acadêmica.

As colegas da UFPB, pelos conhecimentos compartilhados e pela descontração. Vocês tornaram a jornada mais leve.

A todos os professores e professoras que participaram da minha vida acadêmica, por todo o conhecimento compartilhado, que contribuíram para minha formação profissional e pessoal.

A equipe da Escola Luiz Vaz de Camões que me abriu as portas para que pudesse realizar esta pesquisa, em especial a professora, a supervisora e os/as alunos/as adultos que me permitiram vivenciar um pouco das suas experiências de aprendizagem.

A todas as pessoas que conheci nesta jornada e que de forma direta ou indireta contribuíram para tornar esse percurso mais leve.

RESUMO

As disciplinas que versam sobre a Educação de Jovens e Adultos despertam o interesse em explorar as questões afetivas que acompanham o público desta modalidade de ensino. O presente trabalho tem como tema A afetividade como parte do processo de ensino e aprendizagem na educação de jovens e adultos, e o objetivo consiste em compreender de que forma a afetividade pode interferir no processo de ensino e aprendizagem entre professores e alunos da EJA. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e utilizou-se técnicas de observação e entrevistas semiestruturadas, realizadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Vaz de Camões localizada no Bairro de Mangabeira, na cidade de João Pessoa- PB, nas turmas da EJA dos ciclos I e II no turno da noite. A fundamentação teórica foi baseada na revisão de literatura de autores que trazem a afetividade em seus estudos como Tassoni (2000), Gazoli (2013), Leite (2014), Freire (2011). Após a análise dos dados, concluímos que as relações afetivas dentro da educação de jovens e adultos quando consolidadas entre professores e alunos, entre alunos e seus pares e entre alunos e demais membros da escola, se torna significativa para o processo de ensino e aprendizagem tanto de professores quanto de alunos, contribuindo para a permanência destes na escola.

Palavras – Chaves: Afetividade, Ensino, Aprendizagem, Jovens, Adultos.

ABSTRACT

The subjects that dealt with Youth and Adult Education aroused my interest in exploring the emotional issues that accompany the public in this type of education. The theme of this work is Affectivity as part of the teaching and learning process in youth and adult education, and its aim was to understand how affectivity can interfere in the teaching and learning process between teachers and students in the EJA. This is a qualitative study, using observation techniques and semi-structured interviews, carried out at the Luiz Vaz de Camões Municipal Elementary School, located in the Mangabeira district, in the city of João Pessoa - PB, in the EJA classes of cycles I and II on the night shift. The theoretical basis was based on a literature review of authors who address affectivity in their studies, such as Tassoni (2000), Gazoli (2013), Leite (2014) and Freire (2011). After analyzing the data, we concluded that affective relationships within youth and adult education, when consolidated between teachers and students, between students and their peers and between students and other members of the school, become significant for the teaching and learning process.

Keywords: Affectivity, Teaching, Learning, Young people, Adults.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

CEAA - Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos

CNE – Conselho Nacional de Educação

CONFITEA - Conferência Internacional de Educação de Adultos

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

EJA - Educação de Jovens e Adultos

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MCP – Movimento Brasileiro Alfabetização

MEB – Movimento de Educação de Base

MEC - Ministério da Educação e Cultura

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

MOVA – Movimento de Educação de Jovens e Adultos

ONG - Organização não governamental

OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

SECADI – Secretaria de Educação Continuada Alfabetização, Diversidade e Inclusão

SIRENA - Serviço de Rádio Educativo Nacional

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Entrada da EMEF Luiz Vaz de Camões.....	35
Imagem 2 – Sala de aula da EJA dos ciclos um e dois.....	37
Imagem 3 – Festa junina (2024) da EMEF Luiz Vaz de Camões.....	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1- EDUCAÇÃO E AFETO: UMA HISTÓRIA INTEGRAL DO SER HUMANO	14
1.1 Recortes sobre a Trajetória da Educação de Adultos no Brasil.....	17
1.2 Influência do Pensamento Freiriano na Educação de Jovens e Adultos.....	21
2-ENSINO, APRENDIZAGEM E AFETO	25
2.1 A Relação Entre a EJA e a Afetividade a Partir de Vygotsky e Wallon.....	25
2.2 Os Processos de Ensino-aprendizagem na EJA.....	29
3-AFETOS E SABERES NA ESCOLA LUIZ VAZ DE CAMÕES	34
3.1 Nossa Realidade Escolar.....	34
3.2 A Construção de Narrativas: Análises e Resultados.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE A	57
APÊNDICE B	58
APÊNDICE C	59
APÊNDICE D	60
APÊNDICE E	61

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema da afetividade na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) veio da participação em uma entrevista com professores desta modalidade e de percebemos em suas falas o carinho e o cuidado com que falavam de seus alunos e das práticas pedagógicas. Os relatos levaram-nos a deduzir que a frequência e o interesse dos alunos em continuar participando das aulas poderia vir da afetividade com que são tratados em sala de aula. Decidimos, portanto, pesquisar mais profundamente a questão da afetividade entre professor e aluno e sua influência, tanto para o ensino-aprendizagem quanto para a permanência do aluno na escola.

Esse estudo parte da justificativa de que a afetividade pode ser um dos fatores que ajudam no desenvolvimento da aprendizagem, sendo importante para a academia analisar o papel do professor como um ser afetivo ainda em seu processo de formação, fazendo-o refletir que uma prática pedagógica realizada a partir da afetividade propicia a construção de um ambiente escolar acolhedor, promovendo a confiança dos educandos e avançando significativamente na aprendizagem dentro da realidade da EJA.

A pesquisa é relevante academicamente porque são poucos os estudos que tratam do tema afetividade na relação professor-aluno no contexto da EJA, por isso é interessante investigar as relações entre razão e emoção entre um público que historicamente tantos direitos lhes foram negados e que necessitam de cuidados específicos também no campo afetivo. Com efeito, ao longo das leituras, compreendemos que se a relação entre professor e aluno contribui para o desenvolvimento da aprendizagem, acreditamos que são as emoções que direcionam os sujeitos a aproximarem-se de uma aprendizagem mais autônoma.

A pesquisa está centrada na discussão a respeito da afetividade na Educação de Jovens e Adultos, analisando como ela pode favorecer a relação entre professor e aluno interferindo na receptividade ao aprendizado, mostrando os benefícios e influências que a afetividade pode trazer para o rendimento escolar e o desenvolvimento desses alunos. Diante de um cenário pós-pandemia, é importante refletirmos a afetividade como expressão do ensino que pode determinar a permanência desses indivíduos na sala de aula.

O afeto é um sentimento fundamental na construção da pessoa e do conhecimento, sendo um assunto pouco valorizado no ambiente escolar fora da educação infantil. Neste panorama, consideramos que os alunos da EJA embora não estejam mais na condição de criança, possuem trajetórias escolares marcadas por exclusões sociais e neste sentido, esse estudo buscará compreender os fatores sociais que moldam os sujeitos da EJA e como eles compreendem a importância do afeto em sua trajetória escolar e o impacto em suas vidas profissionais, familiares e sociais.

O objetivo geral da pesquisa é refletir de que forma a afetividade pode interferir no processo de ensino-aprendizagem entre professores e alunos jovens e adultos. Os objetivos específicos são:

- Identificar se o professor se reconhece como um sujeito afetivo no contexto do ensino-aprendizagem;
- Analisar a compreensão dos estudantes da EJA sobre afetividade;
- Investigar em que medida a visão do professor sobre afetividade afeta sua maneira de ensinar e sua relação com a aprendizagem dos alunos;
- Analisar a relação entre afetividade e aprendizagem junto aos alunos da Educação de Jovens e Adultos;
- Associar as relações da afetividade com os processos de ensino-aprendizagem.

A palavra afeto vem do latim *affectus* (afetar) e sua concepção é bastante ampla, pois no dicionário Aurélio (2010, p.20) o significado de afetividade é: "qualidade ou caráter de afetivo", e segundo Abbagnano (2007, p.21), o afeto consiste em "[...] as emoções positivas que se referem a pessoas e que não têm o caráter dominante e totalitário da *paixão*." A afetividade, portanto, caracteriza-se pelo cuidado ou preocupação de uma pessoa pela outra.

Isso posto, iniciamos esta pesquisa com algumas questões orientadoras: como podemos compreender as relações afetivas durante os processos de ensino-aprendizagem? Como os professores definem sua relação com os alunos jovens e adultos? Podemos perceber a presença da afetividade no processo de aprendizagem?

A procura por respostas a tais questionamentos deu-se através da pesquisa de campo e das leituras e estudos de autores que retratam a afetividade como possuidora de um valor significativo dentro do processo de ensino-aprendizagem dos alunos, especialmente dos jovens e adultos.

Iremos tratar da questão da afetividade e sua relevância na EJA a partir das impressões presentes nos relatos de professores e alunos dessa mesma etapa formativa, na Escola Luiz Vaz de Camões. Desse modo, nossa pesquisa se utiliza do importante recurso da História Oral por compreender que ela estabelece um tipo de relato cercado de sentido para os seus interlocutores e de interpretações do cotidiano escolar.

Durante nossa pesquisa, optamos por entrevistas semiestruturadas com duas pedagogas que exercem sua docência no turno da noite na EJA. A pedagoga¹ atua há dez anos com turmas da EJA, e no momento exerce a função de professora do ensino fundamental I no turno da manhã, e a noite é professora do ciclo dois da EJA.

A pedagoga², desempenha o ofício de supervisora do turno da noite, está na escola há três anos e, há quarenta e um anos trabalha com a EJA. Entrevistamos também três alunas do ciclo dois da EJA com idades entre 54 a 60 anos, para entendermos o que pensam sobre afetividade e seus impactos na aprendizagem.

A presente monografia está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado “Educação e afeto: uma história integral do ser humano” abordaremos a educação e o afeto como parte integral do ser humano trazendo alguns autores que pesquisaram sobre o afeto e sua relação com o ensino e a aprendizagem. Mencionaremos também alguns recortes da trajetória da EJA no Brasil e a influência de Paulo Freire e sua prática libertadora.

No segundo capítulo intitulado “Educação, Memória e Afeto”, falaremos um pouco sobre o que autores como Leite (2014), Tassoni (2019), Almeida (2012) e Gazolli (2013) baseados em Vygotsky e Wallon, podem nos dizer sobre as emoções que permeiam as relações entre professores e alunos, como também abordaremos as relações de afeto nos processos de ensino e aprendizagem na EJA.

No terceiro capítulo construiremos narrativas a partir da pesquisa de campo, traçando um panorama da escola Luiz Vaz de Camões, analisando os relatos das entrevistadas de acordo com a literatura estudada e respondendo aos questionamentos feitos inicialmente, de que a afetividade constrói relações tanto com o outro quanto com o conhecimento que será adquirido em sala de aula.

1 EDUCAÇÃO E AFETO: UMA HISTÓRIA INTEGRAL DO SER HUMANO

Como destacado anteriormente, a palavra *afeto* pode ser traduzida como afeição, amizade, amor e entendemos que é o elemento básico da afetividade que permeia todas as relações sociais em qualquer faixa etária ou nível econômico e cultural. O afeto ou afetividade é a ação mais complexa que o ser humano pode participar a partir do envolvimento com o outro, sendo este sentimento, capaz de orientá-lo a um desenvolvimento psicológico saudável na resolução dos conflitos cotidianos, proporcionando uma vida emocional mais equilibrada.

Em suas peculiaridades cada sujeito se desenvolve a seu tempo e nas inter-relações com os grupos que lhes são apresentados, quer seja em casa ou na escola, seu comportamento vai se ajustando e a resposta pode ser positiva ou negativa. Tassoni (2000, p.1), destacando as ideias de Vygotsky sobre a importância das interações sociais onde a mediação e a internalização são aspectos fundamentais para a aprendizagem nos diz que:

[...] é a partir de sua inserção na cultura que a criança, através da interação social com as pessoas que a rodeiam, vai se desenvolvendo. Apropriando-se das práticas culturalmente estabelecidas, ela vai evoluindo das formas elementares de pensamento para formas abstratas, que a ajudarão a conhecer e a controlar a realidade.

Neste pressuposto, a criança em desenvolvimento precisa de estímulos e encorajamento para que a aprendizagem ocorra, e neste processo a afetividade pode ser um fator significativo na relação professor-aluno. É o estabelecimento de um vínculo afetivo entre eles que sustenta o início do processo de aprendizagem.

Ainda segundo Tassoni (2000), a aprendizagem ocorre na interação social entre os indivíduos num processo de vínculos impregnado de afetividade, é a base afetiva que permeia essas experiências em sala de aula. Tais experiências ocorrem inicialmente no plano interpessoal e ganha autonomia através da mediação, se transformando numa relação intrapessoal passando a fazer parte da história individual do sujeito.

Na idade adulta a afetividade tende a influenciar o modo como iremos nos relacionar com o outro, e é justamente na sala de aula da EJA que majoritariamente atende a esse público, que podemos perceber a importância das relações afetivas entre educador e aluno. A receptividade do educador em conhecer as experiências

existenciais dos educandos, saber sobre os seus processos de aprendizagem pode ser o início da caminhada educacional que irá despertar o interesse deste público a aprender.

Ao falarmos sobre o despertar dos jovens e adultos para a educação, nós entendemos que ela é vista como um caminho para a transformação da sociedade que proporciona crescimento ao ser humano que conscientes do seu papel social, potencializa o desenvolvimento da sociedade como um todo, melhorando indicadores sociais e econômicos.

Não podemos deixar de mencionar que nesse contexto, a escola que antes era considerada apenas um local onde se aprendia conhecimentos pré-estabelecidos, ganhou novo status no final do século XIX e início do século XX com as ideias da Escola Nova, e passou a ser um lugar de aperfeiçoamento humano, sendo fundamental para a construção de uma sociedade democrática tornando os sujeitos aprendentes mais inteligentes e reflexivos capazes de nela estarem inseridos.

Segundo as ideias de Anísio Teixeira (1968), *aprender* significava *memorização*, passando mais tarde a incluir a compreensão e a expressão do que foi ensinado e por último passou a ganhar um modo de agir:

Aprender é alguma coisa a mais; aprender significa ganhar um modo de agir; aprender significa a aquisição de uma determinada habilidade. [...] Aprendemos, quando assimilamos uma coisa de tal jeito que, chegado o momento oportuno, sabemos agir de acordo com o aprendido. (1968, p.16)

Partindo desta afirmação, a escola também seria responsável por encaminhar o indivíduo para além da instrução pedagógica, ensinando-o a se preparar para o futuro vivendo com mais responsabilidade e tolerância.

Foi nessa perspectiva que a partir do século XX, segundo Ferreira e Ribeiro (2019, p.90), surgiram autores pesquisando sobre o desenvolvimento integral das crianças, destacando fatores importantes para seu desenvolvimento integral, sendo a afetividade um fator indissociável do cognitivo.

Sobre os estudos entre educação e afeto, segundo pesquisas de Gazoli (2013), a relação entre ensino e aprendizagem é movida por sentimentos como o desejo e a paixão de professores e alunos, criando condições afetivas favoráveis que facilitam a aprendizagem. Para a autora: “a afetividade se faz presente nas principais decisões tomadas pelos professores marcando a qualidade dos vínculos estabelecidos entre

os sujeitos e o objeto do conhecimento” (2013, p.3). Portanto as relações de afeto tornam-se claras neste processo pois a transmissão do conhecimento se torna possível na interação do indivíduo com seus pares.

No ambiente escolar é desejável que os professores reconheçam os estudantes como sujeitos históricos comprometendo-se com o desenvolvimento deles, partindo da observação de que eles não têm natureza semelhante, pois possuem valores e culturas diferentes.

A afetividade na sala de aula pode ser configurada através dos comportamentos verbais e da postura dos sujeitos, sendo um sentimento importante e de significados para a vida escolar e social de alunos e professores. O professor tendo ciência de sua importância para a educação sabe que por meio do diálogo, da compreensão e do afeto constrói-se uma relação prazerosa e significativa para o aprendizado.

[...] Como professor [...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem aos educandos e a prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos numa prática específica do ser humano. (Freire, 1996, p.159)

De acordo com as observações de Freire, entre professor e aluno deve ter afeto e comunicação, pois isso serve de base para a construção do conhecimento e dos aspectos emocionais.

Para Sanches (2019, p.12), "a aprendizagem é sempre um processo de aproximação, de troca de olhares, de relações que são construídas," a prática pedagógica permeada pela motivação e entusiasmo em relação ao objeto do conhecimento pode levar admiração aos alunos tanto pelo professor quanto pela disciplina.

Quando abordamos a importância das relações afetivas no processo de ensino-aprendizagem no contexto da EJA, estamos falando de uma educação em que o aluno é o centro de sua aprendizagem e o professor lhe garante um bom relacionamento com base no respeito, transmitindo-lhe impactos positivos durante sua trajetória enquanto aprendiz.

Acreditamos que o afeto permeia os relacionamentos escolares, podendo ser fator de motivação para o crescimento intelectual e social do educando pois, na medida em

que recebem afetos e estímulos há a possibilidade de reproduzi-los no relacionamento com seus colegas e familiares.

1.1 Recortes Sobre a Trajetória da Educação de Adultos no Brasil

A modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) teve início com a necessidade de oferecer uma oportunidade para pessoas que por algum motivo não concluíram a educação básica na idade adequada e segundo Jardimino e Araújo (2014), essa modalidade teve início na década de 1930 com o esforço do governo federal em inserir este público não escolarizado no sistema público de educação elementar implantado no país.

As especificidades no atendimento a essa parcela da população só foram consideradas uma década mais tarde, com a criação da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA). Na década seguinte em 1950, com a intensificação das discussões sobre o analfabetismo, iniciaram-se algumas ações como reforço para a Campanha de Alfabetização a exemplo das Missões Rurais; a Campanha Nacional de Educação Rural; o Serviço de Rádio Educativo Nacional ((SIRENA) e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo.

Segundo Jardimino e Araújo (2014), em 1960 com o surgimento dos movimentos de educação popular inspirados nas propostas pedagógicas de Paulo Freire e lideradas por intelectuais, artistas e estudantes universitários, levantou-se a bandeira da luta pelo direito à educação.

Tal década merece destaque por suas iniciativas em prol da educação de adultos onde podemos citar o Movimento de Educação e Cultura Popular do Recife que contemplava também os Estados da Paraíba e Rio Grande do Norte; a Campanha “De pé no Chão Também se Aprende a Ler” em Natal; o Movimento de Educação de Base (MEB) criado pela igreja católica, que via rádio alcançava regiões como o Norte, Nordeste e Centro- Oeste. Este último sobreviveu ao golpe militar com o apoio da igreja católica, sendo mais tarde intitulado como Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), porém concentrava-se apenas em ensinar conhecimentos básicos de matemática, escrita e leitura.

O Movimento de Cultura Popular (MCP) fundado em Recife em 1960, foi um dos instrumentos de luta das camadas populares e teve como idealizador Germano Coelho. O MCP procurava renovar o pensamento educacional promovendo a conscientização política das classes populares elevando seu nível cultural e recebia apoio de vários setores da sociedade, inclusive a colaboração de Paulo Freire que passou a integrar o movimento.

Foi um marco para a época: “O MCP representou uma visão de vanguarda para a época, na busca pela emancipação do povo. Tornou-se, com isso, um obstáculo ao processo de controle social desejado.” (Jardilino e Araújo, 2014, p.58). Mesmo com a repressão do Governo Militar, ressurgiram novos movimentos organizados tendo como meta a educação e conscientização das classes trabalhadoras.

O fim da ditadura militar trouxe a redemocratização do Brasil e uma valorização maior para a Educação de Jovens e Adultos tendo como destaque os movimentos sociais, que até hoje desempenham um papel crucial no fortalecimento da EJA como modalidade de ensino, buscando suprir as lacunas deixadas pelo sistema regular de ensino.

Além dos já citados aqui, destacamos a Alfabetização Solidária (AlfaSol) que inicialmente derivou-se na área social-assistencial do governo Fernando Henrique Cardoso sendo transformada em ONG, tornando-se mais tarde uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), atuando em favor da diminuição da taxa de analfabetismo no Brasil, mantendo parcerias com o setor público e privado.

Outro projeto de destaque foi o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA), idealizado por Paulo Freire, iniciou-se em São Paulo e se espalhou por outros Estados, sustentado por um processo de alfabetização que vai além do letramento, tendo como base a leitura de mundo do educando.

Na trajetória histórica da EJA, destacamos também o espaço que lhe é garantido nos fóruns e encontros nacionais e internacionais no sistema educacional. Tais movimentos apresentam-se como espaço de discussão entre os segmentos interessados na educação de jovens e adultos propondo ações que influenciam a construção de políticas públicas que efetivem o direito à educação, conforme disposto na Constituição de 1988:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para

o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.
(Brasil, 1988, art.205)

As Conferências Internacionais de Educação de Adultos (CONFITEA's), que são realizadas a cada 12 anos, existe desde 1949 e já foram realizadas respectivamente na Dinamarca, Canadá, Japão, França, Alemanha, Brasil e Marrocos. A partir delas surgiram os Fóruns de EJA que se configuram como uma intensa militância em prol da educação de pessoas jovens e adultas, acontece a cada dois anos e suas ações são reconhecidas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e pelas sociedades brasileira e internacional.

São as ações constantes destes movimentos e a forma como se organizam que demonstram que eles são peça chave no jogo de disputas e de interesses que comumente deixa a EJA em último plano.

Acreditamos que pela sua especificidade, a EJA é uma modalidade de ensino que deve ser pensada de forma diferenciada das outras modalidades educacionais e não podemos deixar de mencionar, nesta trajetória, um dos grandes desafios que é a formação inicial e continuada de docentes para atuar nessa modalidade, pois sabemos que a qualificação dos professores que atuam na EJA é essencial para oferecer um ensino de qualidade.

Para Jardimino e Araújo (2014), as iniciativas para essa formação inicial ainda são pouco expressivas e os professores que ingressam na EJA foram preparados para atuar no ensino regular e em geral não possuem formação teórico-metodológico para trabalhar com os jovens, adultos e idosos. Portanto, diante de tantos desafios a serem superados, uma formação sólida que dê aos profissionais uma maior compreensão sobre as necessidades dos alunos desta modalidade pode fazer a diferença no aprendizado dos educandos.

A EJA passou a ser reconhecida como uma modalidade de ensino com características próprias, com políticas e legislações específicas para seu funcionamento. A Constituição Federal de 1988 em seu artigo 208, modificada pela Emenda Constitucional nº 59 (2009), deixa claro a obrigatoriedade e gratuidade da educação básica, assegurando inclusive sua oferta a todos os que não tiveram acesso a escolaridade na idade própria.

A Constituição garante também a igualdade de condições de acesso e permanência na escola, oferecendo auxílio aos estudantes por meio de programas suplementares,

de material didático, transporte, alimentação e assistência à saúde. Complementando o disposto, a Lei nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) institui a EJA como uma modalidade da educação básica onde o Estado e os municípios garantem a sua oferta. A Resolução atualizada, CNE/CBE nº 1/2021 alicerça esses direitos estabelecendo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

Porém, mesmo assegurado por Lei, historicamente a EJA tem sido caracterizada como um ensino supletivo e compensatório, até mesmo emergencial para o público que a frequenta como bem coloca Arroyo (2017, p.97): “A EJA é vista como última saída de emergência para corrigir seus percursos de que são culpados e prosseguir em percursos menos inumanos.”

Seria equivocado pensar a EJA como apenas uma “reposição de oportunidades” pois a educação constitui-se como um campo de conhecimentos que precisa fazer sentido para os sujeitos que dela se apropriam, colaborando para que os seres humanos se desenvolvam continuamente.

Em sua trajetória, a EJA tem sido relegada a segundo plano e modificada ao longo de sua história de acordo com as ações e programas de escolarização de cada governo em exercício, fato que torna esta modalidade instável não garantindo sua continuidade.

Um exemplo desta afirmação foi a formação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), que surgiu em 2004 com o objetivo de fortalecer a atuação sobre grupos historicamente excluídos da escolarização, mas que foi extinta em 2019 por não representar um papel importante para o governo da época, representando porém, um duro golpe no combate à exclusão.

Vislumbrando novos horizontes, o Ministério da Educação (MEC) participou de audiência pública em 12 de junho de 2023 realizada pela Comissão de Educação da Câmara dos Deputados para tratar da EJA no Brasil, esse ato já sinaliza que essa modalidade deve ganhar mais visibilidade pois conta com o apoio da Secadi, secretaria retomada pelo atual governo, que reconhece o histórico de invisibilidade do público que frequenta a EJA.

Mais recentemente o MEC lançou o programa Pacto Nacional do Analfabetismo e Qualificação da Educação de Jovens e Adultos (Pacto EJA), que prevê a retomada de

programas e ações para apoiar estados e municípios no estímulo a procura e permanência deste público às salas de aula.

Considerando que a educação é um direito de todos, independentemente da idade ou condição social, a EJA assume um papel crucial para o público que a frequenta no intuito de garantir sua inclusão social e seu desenvolvimento.

Desconstruir paradigmas e olhar a EJA além de uma ação filantrópica é um dos principais obstáculos para se reconhecer os atores desta modalidade como protagonistas de sua aprendizagem. O fato desses jovens e adultos buscarem oportunidade na EJA, é um sinal de resistência aos obstáculos na busca pelo reconhecimento do Estado e da sociedade de que são sujeitos de direitos, buscando uma aprendizagem que atenda suas necessidades e reconheça suas trajetórias de negação de direitos.

Ao conhecer a história da EJA é necessário abandonar o olhar restrito das carências do percurso escolar e perceber as carências sociais a que estão atrelados os estudantes desta modalidade. Mesmo que tenham parado o processo de escolarização, suas trajetórias de humanização, suas lutas sociais em busca da garantia de seus direitos são contínuas.

Sendo um instrumento transformador na vida dos educandos que a frequentam e por tantos outros motivos em sua trajetória, é importante lançarmos um olhar para a EJA, não como um paliativo para aqueles que não puderam estar na escola na idade adequada, mas como um instrumento que seja capaz de minimizar os problemas sociais que permeiam a vida desses educandos.

1.2 Influência do Pensamento Freiriano na Educação de Jovens e Adultos

A modalidade da Educação de Jovens e Adultos atravessou décadas, sofreu mudanças com a política vigente em cada época e foi pesquisada por vários teóricos¹ ao longo de sua existência. Porém, nenhuma dessas mudanças exerceu mais influência sobre a EJA do que a pedagogia de Paulo Freire, suas contribuições foram relevantes e significativas para o processo de ensino e aprendizagem começando por

¹ Moacir Gadotti, Maria Clara di Pierro, Sergio Haddad, Miguel Arroyo e Carlos Rodrigues Brandão são alguns dos estudiosos que tem na Educação de Jovens e Adultos sua fonte de pesquisa.

defender o resgate da autoconfiança dos educandos, transferindo para eles o papel de construtores do próprio conhecimento.

Paulo Freire deixou um legado para a educação de adultos quando caminhou na contramão da educação bancária, ao perceber que os métodos de ensino para adultos eram os mesmos utilizados para educar crianças. Entendendo que esse caminho não era apropriado, Freire abriu espaço para uma educação que não somente ensina o aluno ler o mundo, mas também transforma socialmente a quem ensina e a quem aprende, levando-os a serem escritores de sua própria história:

Mais que escrever e ler a “asa é da ave”, os alfabetizandos necessitam perceber a necessidade de um outro aprendizado: o de “escrever” a sua vida, o de “ler” a sua realidade, o que não será possível se não tomam a história nas mãos para, fazendo-a, por ela serem feitos e refeitos. Daí que, nesta perspectiva crítica, se faça tão importante desenvolver, nos educandos como no educador, um pensar certo sobre a realidade. (Freire, 2011, p.17)

Com seu método simples de alfabetizar adultos Freire proporcionava ao aluno relacionar o aprendizado da escrita com a leitura do mundo em que estava inserido, fazendo-o reconhecer-se como um sujeito produtor, detentor de conhecimentos, faltando apenas o conhecimento letrado para conseguir transformar sua situação.

O documentário “As quarenta horas de Angicos”² nos leva a reflexão sobre como um projeto ousado, em que educar 300 pessoas em 40 horas, foi um marco na história da educação popular brasileira, despertando a curiosidade de especialistas em educação e jornalistas do Brasil e do exterior, destacando Paulo Freire como uma referência na área.

Com um método simples, claro e eficiente tal proposta de alfabetização não utilizava cartilhas, mas tinha como base palavras geradoras e significativas para aquela população, proporcionando aos alunos a compreensão do aprendizado no diálogo sobre o seu dia a dia. Segundo o documentário, as aulas aconteciam à noite e eram frequentadas por idosos, adultos e crianças e exigiam planejamento de Freire e de seus monitores que munidos de perseverança e porque não dizer, de afetividade, utilizavam o diálogo para articular entre a educação e a realidade.

² As Quarenta Horas em Angicos foi um projeto importante e bem organizado que aconteceu na cidade de Angicos, sertão do Estado do Rio Grande do Norte, que durou cerca de 40 horas. Foi uma experiência que tinha o propósito de acabar com o analfabetismo que era crônico naquele Estado.

A experiência de Angicos mostrou que é possível alfabetizar jovens e adultos e ao mesmo tempo desenvolver o pensamento crítico dos alunos, conscientizando-os de seus direitos como cidadãos. É necessário reafirmar que a relevância do pensamento freiriano para a educação perpassa a experiência de Angicos, Paulo Freire nos mostrou um método de ensino em que a dialogicidade tem papel fundamental na aprendizagem do aluno.

Em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, Freire destaca a dialogicidade como um ato de coragem: pensar, falar, escutar, criticar e dialogar são ações conscientes que devem ser direito de todos. O diálogo, para Freire era um ato de amor e coragem pelos homens em favor de um mundo mais justo.

Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico. (Freire, 1994, p.111)

Quando o professor propõe debates sobre as visões de mundo sem, no entanto, impor a que acredita ser a certa, promove um ambiente de respeito e compreensão pois não adianta querer forçar uma realidade que talvez não faça sentido para o aluno, é desta maneira que entendemos a importância do diálogo tão destacado nas obras de Freire.

Em seus escritos Freire explica que ensinar vai muito além de transmitir uma informação, o seu legado para a educação é de que o ensino seja um momento criativo na formação humana, de compreensão crítica e reconhecimento do professor e do aluno como sujeitos históricos.

Freire acreditava no ensino compartilhado em que o professor adote uma postura democrática, e enquanto dialoga com seu/sua aluno/a ensina e aprende. Para Freire (1987, p.70) “o educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado em diálogo com o educando, que ao ser educado também educa.”

A fala acima demonstra uma postura democrática de construção coletiva do conhecimento que resulta em um aluno liberto da alienação e da opressão, possibilitando o desenvolvimento de sua consciência política, fazendo-o assumir-se ele próprio, em um instrumento do exercício da cidadania.

A educação libertadora de Paulo Freire traz uma abordagem pedagógica pautada na promoção da consciência crítica do aluno, para Gazolli (2013, p.76):

(...)significa reconhecer a opressão como uma realidade social e denunciar a necessidade de lutar contra ela, desconstruí-la, a partir da ação dos oprimidos, tomando a frente como sujeitos na luta por mudanças na sua própria realidade.

Em sua obra, Freire definiu alguns conceitos que perpassam seu pensamento, conscientização e transformação são alguns deles, que estão entrelaçados, indicando que a educação deve ser mais que uma transmissão de conhecimento. Conscientizar-se é um processo contínuo, próprio de indivíduos que conscientes de sua realidade são capacitados a transformar-se e por consequência transformam o mundo.

Neste contexto, é o professor que deve fornecer conhecimento e conscientização de mundo através de ferramentas que partam da realidade do aluno, levando-o a decidir por si mesmo a atuar de forma transformadora. Nessa dialogicidade, ao discutir sua própria realidade, o aluno alfabetiza-se enquanto toma consciência de sua criticidade.

Pensar na influência de Paulo Freire para a educação é pensar em uma pedagogia responsável, autônoma, participativa, dialógica e humanizadora que forme o pensamento crítico tanto no aluno quanto no professor para que lutem por sua liberdade de livre pensar e agir, com consciência.

Por fim Freire nos deixa um legado que não é estático, suas teorias foram pensadas levando em consideração os contextos de sua época, mas, sábio que era, conservou-se sempre apto a retificar-se e manter-se aberto às críticas.

Quanto aos outros, os que põem em prática minha prática, que se esforcem por recriá-la, repensando também meu pensamento. E ao fazê-lo, que tenham em mente que nenhuma prática educativa se dá no ar, mas num contexto concreto, histórico, social, cultural, econômico, político, não necessariamente idêntico a outro contexto. (Freire, 2011, p.18)

Com essas palavras ele nos convida a repensarmos sua prática, adaptá-las ao contexto atual, pois o aprendizado é contínuo, somos seres inacabados e cognoscentes, capazes de interpretar determinada realidade e transformá-la. Que sua obra seja um guia que nos impulse e nos tire da indiferença enquanto professores, alunos e seres humanos.

2 ENSINO, APRENDIZAGEM E AFETO

Neste capítulo apresentaremos as concepções de alguns autores sobre cognição e afetividade, baseados em Vygotsky e Wallon. Autores como Leite (2014), Tassoni (2019) e Gazoli (2013) enfatizam a importância das interações sociais entre professores e alunos e destacam a afetividade como sendo fundamental na promoção de um ambiente educativo positivo, em que as práticas pedagógicas quando realizadas com dialogicidade e reciprocidade se tornam mais significativas tanto para professores quanto para alunos.

Abordaremos também a importância dos processos de ensino-aprendizagem para o público da EJA, como fator fundamental para que o professor identifique as necessidades de aprendizagem dos alunos adultos tornando o processo significativo.

2.1 A Relação Entre a EJA e a Afetividade a Partir de Vygotsky e Wallon

Com base teórica em Wallon e Vygotsky, Leite (2014) afirma que as manifestações emocionais vão evoluindo em complexidade a medida em que o sujeito desenvolve sua cultura, sendo assim a afetividade ocupa um caráter social e evidencia que a inteligência não se desenvolve sem a afetividade. A afetividade no desenvolvimento humano envolve acreditar que uma pessoa é capaz de se tornar autônoma na resolução de problemas e de ser socialmente participativa na interação com o meio. O afeto deve estar presente na relação entre professor e alunos tanto dentro da sala de aula como fora dela e, de acordo com o grau de afeto entre as duas classes, a interação constrói um conhecimento envolvente que traz a vontade, ou não de aprender.

O público que procura a EJA enfrenta desafios diários para continuar frequentando a vida escolar, que incluem a sua vida familiar, profissional e social, o modo como o professor vai acolher e desenvolver sua prática educacional pode determinar a permanência desses indivíduos na sala de aula. A EJA exige um planejamento de ensino que garanta um ambiente afetivo e favorável, que ofereça uma aproximação maior do aluno com os conteúdos e com as práticas desenvolvidas.

Quando, diante de uma mediação pedagógica desenvolvida pelo professor, houver a possibilidade de o aluno apropriar-se do objeto com sucesso, as chances de ele estabelecer um vínculo afetivo positivo com o conteúdo aumentarão efetivamente. E para o professor aumentará a complexidade em planejar condições de ensino se não levar em conta os impactos afetivos que serão produzidos nos alunos. Corroborando com tal afirmação, Leite (2014, p. 66), apoiando-se em Vygotsky e Wallon afirma que:

Assim, o tipo de relação afetiva que se estabelecerá entre o sujeito e os objetos culturais dependerá, concretamente, da história de mediação vivenciada pelo sujeito com o respectivo objeto, a qual, em grande parte, é determinada pela presença do outro nas relações sociais.

É preciso conhecer bem os alunos, entendendo suas particularidades, sendo importante manter um convívio harmonioso e com afeto, tais conceitos devem ser estabelecidos ainda na formação docente conforme afirma Paulo Freire, em sua *Pedagogia da Autonomia*:

o que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança do medo que ao ser "educado", vai ganhando a coragem. (1996, p.45)

Os gestos do professor têm relevância para os alunos que irão levar consigo aqueles que tiverem um significado para sua formação escolar e pessoal, neste sentido o posicionamento do professor não deve ser neutro em suas falas e ações, deve possuir um cuidado afetivo pois assume um papel importante no processo de ensino aprendizagem.

Tassoni (2019), pela visão de Wallon, afirma que a afetividade teve um papel primordial na constituição e no funcionamento da inteligência e é quem determina os interesses e necessidades de cada indivíduo. Há uma distinção entre emoção e afetividade em Wallon trazido pela autora, que destaca as emoções como manifestações de estados subjetivos, com componentes orgânicos e de caráter biológico, já a afetividade abrange um conjunto maior de manifestações de ordem psicológica e ordem biológica. Sendo assim, pressupõe-se que a emoção remete a uma relação de ordem física e biológica e a afetividade refere-se às vivências e experiências de cada indivíduo.

Para Almeida (2012), a afetividade é um elemento inseparável das estruturas da inteligência, não existe relação de ensino-aprendizagem sem a atuação conjunta entre inteligência, afeto e desejo. Ainda segundo as ideias de Vygotsky (1998) e Wallon (1979), Gazoli (2013, p.10) pontua que o desenvolvimento cognitivo tem a participação da afetividade, sendo assim:

(...) ao longo da vida, o indivíduo torna-se cada vez mais capaz de observar e absorver sutis sinais emocionais que as pessoas de seu ambiente emitem, passando a se comportar a partir deles, sentindo-se acolhido ou distanciando-se de determinadas situações, pessoas ou grupos sociais.

Portanto ao se desenvolver no plano cognitivo, o indivíduo também desenvolve o lado afetivo, um adulto tem mais aptidão para perceber as alterações do ambiente e das pessoas com muito mais competência do que uma criança.

As práticas pedagógicas que aproximam os alunos da EJA são importantes para mantê-los envolvidos com discussões que constantemente os cercam como as questões políticas e sociais. Neste contexto, o contato do professor com a realidade do/a aluno/a requer a criação de um vínculo afetivo em que o professor veja o aluno como um ser indissociável de suas relações cognitivas e afetivas.

Segundo Gazoli (2013, p.8):

(...) a afetividade é parte integrante e constituinte de todo desenvolvimento humano. Não se trata de um anexo, ou de um aspecto extra que pode ser positivo ou negativo, trata-se, primordialmente de uma dimensão intrínseca ao homem, presente em toda e qualquer atividade que ele vivencie.

Portanto, os processos cognitivos e afetivos inter-relacionam-se com o ambiente e com a maneira como o professor faz a mediação de sua ação pedagógica.

Em seus estudos Gazoli (2013) defende que a dimensão afetiva e cognitiva tem base biológica, e que na interação social há um movimento evolutivo vivenciado pelo sujeito em que emoção e inteligência sofrem um processo dialético em que à medida que a inteligência atinge novos estágios de desenvolvimento, a afetividade passa por um processo de cognitivização. Desse modo, as conquistas da inteligência são incorporadas ao plano afetivo e as trocas afetivas são incorporadas a inteligência.

Devido a relação existente entre o cognitivo e o afetivo, o estado emocional do aluno deve ser considerado pela escola para o bom funcionamento das práticas

educativas, pois os jovens, adultos e idosos que frequentam a EJA enfrentam desafios emocionais e lidam com responsabilidades no trabalho, na família, demandando uma pressão que pode impactar seu desenvolvimento na escola afetando sua motivação e permanência.

O papel da afetividade é fundamental para o desenvolvimento cognitivo de crianças, jovens e adultos pois sendo indissociáveis, a afetividade e o cognitivo influenciam-se mutuamente. O afeto desenvolvido pelo professor para envolver o aluno pode romper bloqueios emocionais melhorando as relações interpessoais, estimulando a amizade, a solidariedade e o respeito uns com os outros.

A construção de laços afetivos na educação de jovens e adultos não significa dizer que por terem um histórico marcado pela exclusão estamos direcionando-os para uma perspectiva de fragilidade, o perfil de quem frequenta a EJA inclui estudantes de diferentes contextos culturais e sociais que longe de serem frágeis, enfrentam em sua maioria, uma jornada de trabalho diurna e à noite estão nas salas de aula porque acreditam que a continuação ou início dos estudos pode lhes garantir uma melhoria de vida.

Deste modo, a escola como lugar de escolha destes estudantes para a formação cognitiva, deve refletir juntamente com seu corpo docente sobre os aspectos afetivos que aparecem nas atividades propostas e nas relações estabelecidas durante a vida escolar, procurando amenizar as dificuldades do percurso, desenvolvendo um ambiente positivo e satisfatório na construção do conhecimento.

As interações que motivam o aluno impulsionam o desenvolvimento cognitivo a exemplo de um elogio ou uma palavra carinhosa por parte do professor, do mesmo modo que ações desmotivadoras ou um ambiente ameaçador, imprimi a insegurança e o medo do fracasso, podendo resultar na evasão escolar. Com base nos estudos teóricos para esta pesquisa, é possível afirmar que estímulos positivos impulsiona e motiva o aluno.

Neste sentido, Gazoli (2013) defende o caráter social da afetividade, pois o indivíduo não nasce psicologicamente determinado e as mediações vivenciadas são cruciais para o seu desenvolvimento.

Em suas pesquisas, a autora destaca os estudos de Vygotsky, que defende que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação e inclui desejos, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção, e os estudos de Wallon, que afirma que é

através da afetividade que o indivíduo tem acesso ao mundo simbólico e origina a atividade cognitiva. Assim, as conquistas intelectuais são integradas à afetividade atribuindo-lhe um caráter eminentemente cognitivo.

Em suma, os autores defendem uma visão integral do ser humano em seus aspectos afetivos e cognitivos em que ambos estão entrelaçados.

2.2 Os Processos de Ensino-Aprendizagem na EJA

Os alunos da EJA além de querer finalizar os estudos ou recuperar o tempo de escolarização que foi perdido, veem na escola um espaço de socialização, lazer e vivência de novas experiências, encontrando pessoas diferentes e aprendendo a conviver com novas culturas e gêneros.

O público que frequenta a EJA carrega uma bagagem cultural ampla, e as relações construídas em sala de aula são permeadas pelas experiências que cada um tem do mundo social com diferentes pensamentos, sentimentos, modos de agir e diferentes processos cognitivos. Para Gazoli (2013), a relação do aluno com o conhecimento não é direta, mas mediada por agentes sociais e culturais, sendo assim, para a autora a qualidade da relação do aluno com o conhecimento escolar tem natureza afetiva e depende das mediações vivenciadas pelo sujeito durante a trajetória de sua vida.

Por suas trajetórias escolares marcadas pela exclusão, os alunos desta modalidade, em muitos casos sentem-se envergonhados por terem interrompido os estudos ou por estarem na escola em um período que consideram "tarde" pois não tiveram acesso no período adequado, e é perceptível a preocupação que eles sentem com o novo, o medo de errar e de não ter a atenção esperada. Neste contexto vale ressaltar a importância da atuação do professor que preze tanto o lado cognitivo quanto o lado afetivo desse público, mostrando que ele é aceito independente de suas condições de vida pois, o educando da EJA é dotado de ideias, sentimentos e capacidade de aprender como qualquer outro aluno em vias de aprendizagem.

A educação de jovens e Adultos no Brasil enfrenta diversos desafios na busca por igualdade de direitos e qualidade do ensino, conforme Leite (2014, p.89) diz: "É reconhecida que a educação de Jovens e Adultos vem sofrendo um longo processo histórico de negligência e desvalorização."

Em tantos dilemas e exclusões, avanços e retrocessos nas legislações e políticas públicas educacionais para jovens e adultos, se faz necessário pensar na utilização de práticas que foquem no saber prévio dos educandos e que possam interagir com os conhecimentos científicos estruturados pelo docente em sala de aula. Os aprendentes adultos procuram na escola realização profissional e pessoal resolvendo desafios que fazem parte do seu cotidiano e é inegável que a aprendizagem é significativa quando o assunto é de valor imediato, é preciso acreditar que o trabalho com a valorização da afetividade é um ponto de partida para o processo metodológico que melhora o ato de ler e escrever.

Cabe ao professor construir relações de confiança com os alunos, estabelecendo um processo de ensino-aprendizagem que torne o trabalho intelectual prazeroso e satisfatório tanto para o aluno quanto para o professor. Nas idas à escola, observamos que em suas aulas a professora recorria a metodologias diversas, utilizando recursos presentes na escola como a tv, e a metodologia precisava ser dinâmica pois os alunos não dispunham do livro didático sendo inclusive uma das reclamações da professora em nossas conversas.

A falta de material pedagógico para o público da EJA é questão recorrente em muitas escolas, no caso do município de João Pessoa, a Secretaria de Educação encaminha eixos temáticos e a partir deles as aulas são planejadas e as atividades produzidas. É dentro desse contexto que a professora busca se reinventar e encontrar possibilidades para trabalhar os conteúdos de maneira que o conhecimento alcance todos os alunos, sendo fundamental que conheça as limitações de cada um.

A sala de aula de uma turma da EJA é diferente de uma sala de aula no ensino regular por diferentes fatores, muitos são pais e mães de família, alguns são idosos, outros são jovens buscando completar sua formação, e o perfil desses alunos é traçado considerando alguns fatores como a idade, e a relação deles com o mundo do trabalho. Seja assalariado, desempregado ou com subemprego, todos tem a mesma expectativa e propósito em aprender.

Os jovens e adultos inseridos no mundo do trabalho e com relações sociais diferentes do mundo da criança e do adolescente traz consigo uma complexidade de experiências, reflexões e conhecimentos acumulados sobre si, sobre os outros e sobre o mundo.

Com realidades tão diversas é preciso que o professor veja esse aluno, não apenas como um “número”, mas como um ser humano individual e que pense em atividades que respeite o ser humano em sua diversidade, trabalhando situações do seu dia a dia, dando-lhe voz e convidando-o a pensar e opinar sobre o tema. Acima de tudo ouvindo-o, pois para Paulo Freire (1996, p.43) “Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele.”

O professor é responsável por estimular o vínculo afetivo, é ele que fornece segurança ao aluno através do tom de voz, dos gestos e das palavras, estabelecendo assim uma boa comunicação envolvendo os alunos no processo de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, o professor deve confiar na capacidade do seu aluno usando a afetividade como um elemento importante para consolidar relações mútuas de respeito e confiança. O comportamento do professor exerce influência sobre seus alunos na aprendizagem de conteúdos, pois:

A afetividade do professor, no que tange à forma e o gosto com que disponibiliza o conteúdo, prepara sua aula, se preocupa com seus alunos, percebe as manifestações dos sentimentos deles, será notado pelos alunos, criando um vínculo de afeto. Desta forma, estará usando a afetividade, que é o que o move em direção a um desejo, é o que estabelece um vínculo com aquilo que desejamos. (Ferreira; Ribeiro, 2019, p.95)

Portanto um professor afetivo influencia a forma de aprendizagem quando se mostra acolhedor e compreensivo aos sentimentos dos alunos, a empatia contribui para a construção de processos emancipatórios de que tanto esse público precisa para se reconhecer como detentores de direitos.

Leite e Tassoni (2002) também afirmam que é durante as atividades pedagógicas, conforme sua atuação, que o professor vai qualificando sua relação com o aluno e os diversos objetos do conhecimento, ou seja, é o comportamento do professor, sua maneira de enxergar o aluno em sala de aula que afeta a disposição do mesmo diante das atividades propostas.

Se, ao contrário do exposto acima, as práticas pedagógicas apresentadas pelo professor não possibilitam um bom desempenho aos alunos, e isto pode ocorrer segundo Leite e Tassoni (2002), devido a fatores como instruções confusas, atividades fora de contexto, falta de intervenções ou feedback do professor, o processo de

aprendizagem pode levar os alunos a sentirem aversão pelo objeto de estudo. Para os autores:

Tais problemas, quando ocorrem com alta frequência, podem transformar a atividade escolar em um verdadeiro martírio para o aluno, produzindo frequentemente efeitos indesejáveis como a tentativa de se esquivar ou fugir da situação, enganar o professor etc. Obviamente, nessas condições, a natureza da relação que se estabelece entre o aluno e o objeto pode apresentar um tal nível de aversividade que, no final do processo, leva o aluno a expressar a intenção de nunca mais relacionar-se com aquele objeto (p.19).

Os alunos da EJA pela diversidade de histórias de vida, possuem aspectos afetivos relevantes nas interações sociais, eles buscam aprender a ler e escrever, mas acima de tudo buscam um espaço de valorização individual em que sua participação possa ser respeitada alcançando seus objetivos particulares. É nesse contexto que as relações afetivas se desenvolvem enquanto as questões de aprendizagem acontecem, inclusive ultrapassando as paredes da sala de aula.

No que concerne a legislação, a afetividade em sala de aula é também um direito do aluno pois, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) traz em sua redação a afetividade como um de seus objetivos com vistas a uma formação ampla:

Assim, os objetivos se definem em termos de capacidades de ordem cognitiva, física, afetiva, de relação interpessoal e inserção social, ética e estética, tendo em vista uma formação ampla (...) A afetiva refere-se às motivações, à autoestima, à sensibilidade e a adequação de atitudes no convívio social, estando vinculado à valorização do resultado dos trabalhos produzidos e das atividades realizadas (Brasil, 97, p.47).

Do mesmo modo, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) em sua Resolução CNE/CP nº 4 de 29 de maio de 2024, assinalam:

O reconhecimento dos diferentes ritmos, tempos e espaços do futuro estudante da educação escolar básica, considerando as dimensões psicossociais, histórico-culturais, afetivas, relacionais e interativas que permeiam a ação pedagógica (Brasil, 2024, p.4).

Sendo assim, com base nas leis que regem a educação brasileira podemos dizer que a afetividade é importante para a aprendizagem, devendo ser inserido nas práticas educativas e tal tema deve ser discutido durante a formação inicial do professor.

O estudo dos autores trazidos como aporte teórico para este trabalho, revelam o impacto positivo da afetividade para o ensino-aprendizagem no contexto da EJA, contribuindo para a motivação e o engajamento dos alunos criando um ambiente capaz de estimular a superação de desafios.

3 AFETOS E SABERES NA ESCOLA LUIZ VAZ DE CAMÕES

Neste capítulo começaremos apresentando o campo de pesquisa e suas características, bem como a metodologia utilizada que serviu de base para a coleta de dados. A seguir apresentaremos os sujeitos que participaram da pesquisa e nos emocionaram com seus relatos, tornando possível analisá-los à luz de autores como Freire (1996), Leite (2014) e Gazzoli (2013). Por fim, apresentaremos a construção e a análise destas narrativas com base no referencial teórico apresentado anteriormente.

3.1 Nossa Realidade Escolar

A Escola Municipal Luiz Vaz de Camões foi escolhida como campo de pesquisa por já conhecê-la do período em que lá estive³ cursando o estágio curricular obrigatório, que compreendeu os meses de fevereiro a abril de 2024. Foi durante minhas observações no estágio que pude perceber a relação diferenciada entre a professora regente e seus alunos, o que tornava aquele ambiente em um lugar acolhedor e agradável para a troca de conhecimentos.

Era inegável a presença da afetividade tanto nas relações professor-aluno, aluno-professor quanto os alunos com eles mesmos, e foi com entusiasmo que comecei a observação em campo que me ajudaria a elucidar as indagações da referida monografia.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Vaz de Camões, está localizada na Avenida Josefa Taveira s/n, no populoso bairro de Mangabeira e estruturalmente oferece salas de aulas equipadas com ar-condicionado, banheiros, refeitório, cozinha, secretaria, sala da direção e coordenação pedagógica, sala dos professores, sala de vídeo, sala Google, sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), sala de Apoio Pedagógico, biblioteca e ginásio, além de uma área com parquinho.

No geral, o espaço físico da escola está em condições favoráveis ao fazer pedagógico, pois é dentro dos muros da escola que ocorre as tomadas de decisões e

³ Em alguns momentos a partir deste capítulo, utilizarei a primeira pessoa do singular por se tratar de algo que compõe a minha subjetividade e faz parte de minhas memórias entrelaçado a esse estudo. Nas demais partes utilizarei a primeira pessoa do plural.

ações que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem, segundo Araujo (1989, p.117) afirma:

É ali, naquele espaço físico, local constituído para a realização do ensino formal e sistematizado, que o professor se encontra com o grupo de alunos. O espaço físico é então dinamizado pela relação pedagógica porque registra, em situação concreta, a maneira de viver esta relação. [...] é, ainda, na sala de aula que o professor cria e recria a sua própria Didática: toma decisões quanto à concepção ou preparação, à execução, à avaliação e revisão de seu processo de ensino.

A escola, fundada no ano 2000, atende a população do bairro em que está localizada, o Mangabeira IV, e de bairros próximos como Nova Mangabeira, Cidade Verde e José Américo, e é aberta a comunidade que utiliza seu ginásio esportivo aos finais de semana e participa dos cursos profissionalizantes oferecidos, como cuidador de idosos e auxiliar de cozinha.

Imagem 1- Entrada da EMEF Luiz Vaz de Camões



Fonte: portalmangabeira.com.br

O bairro de Mangabeira se destaca por sua extensão territorial e abriga grande parte da população residente em João Pessoa. Segundo Silva (2013), o bairro foi fundado no ano de 1982 a partir de uma ação do Estado em construir conjuntos habitacionais destinados as camadas mais carentes da população da própria cidade, e oriundas do interior do Estado. Atualmente, Mangabeira é um dos grandes polos de

desenvolvimento da capital e motivo de orgulho para os alunos da EJA, que frequentam a Escola Luiz Vaz de Camões.

A escola oferece o Ensino Fundamental Regular (1º aos 5º anos) nos turnos da manhã e da tarde, e a noite, funciona a EJA nos ciclos I, II, III e IV tendo em média um total de 115 estudantes matriculados nesta modalidade. Conta com uma equipe escolar composta por diretor administrativo, diretora pedagógica, supervisora pedagógica, psicóloga, assistente social e secretários, entre outros.

O público que frequenta a escola no turno da noite, sujeitos de interesse para esta pesquisa, em sua maioria é composta por alunos da classe trabalhadora, com idades entre quinze e sessenta anos, com perfis de trabalhos formais, informais, donas de casa e adolescentes, que buscam na escola uma oportunidade de acrescentarem significado as suas vidas e conseguirem novas oportunidades de crescimento profissional ou pessoal.

Os professores em sua maioria são graduados em Pedagogia e alguns tem Mestrado ou Especialização na área educacional, e mesmo as dificuldades elencadas pela professora que acompanhamos, como a falta de políticas públicas mais eficazes, a falta de material pedagógico de apoio, entre outras questões, é perceptível sua dedicação e a relação de afeto estabelecida com a turma.

A afirmação citada, confirma o que Freire (1996) em sua *Pedagogia da Autonomia* diz, que o educador precisa estar aberto ao gosto de querer bem aos educandos e a prática educativa, selando um compromisso com o seu fazer pedagógico.

A turma do ciclo II, a qual acompanhamos, tem uma média de vinte e cinco alunos matriculados, porém, segundo a coordenação as matrículas ficam abertas durante todo o período letivo e sempre aparecem novos alunos para se matricular, inclusive durante o período de visitas, dois novos estudantes ingressaram na turma. No período de acompanhamento, os ciclos I e II estavam juntos na mesma sala pois a professora do ciclo I estava em licença médica e era a professora do ciclo II que lecionava nas duas turmas ao mesmo tempo.

Imagem 2- Sala de Aula da EJA dos Ciclos I e II



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Com a atuação de uma professora em duas turmas diferentes na mesma sala, foi interessante observar a dinâmica utilizada por ela para atender os alunos dos diferentes ciclos. O assunto era o mesmo, o que diferenciava era a complexidade das atividades entregues a cada ciclo, elaboradas pela professora e xerografadas na secretaria da escola. Quando determinado assunto dizia respeito a apenas um ciclo, o outro silenciava e se ocupava em responder atividades pertinentes a seu ciclo, e vice-versa.

Foi com esta dinâmica que as aulas seguiram por algumas semanas e em nenhum momento percebemos um sinal de insatisfação da professora ou de algum aluno. E mesmo com a turma mista, nos dias em que lá estivemos, os vimos adentrar a sala de aula com um sorriso, cumprimentando-se uns aos outros, e quando indagados

sobre a situação, apontavam o esforço da professora em mantê-los interessados. São atos assim que transformam o papel do professor em principal incentivador para uma aprendizagem significativa.

Como mencionado, em sua maioria, os alunos são trabalhadores, que por virem direto do local de trabalho não conseguem chegar no horário inicial das aulas. Observamos, que mesmo cansados, não se deixam abater e adentram a sala de aula sorrindo, cientes de seu compromisso consigo mesmo, conforme nos diz Arroyo (2017), que cada jovem-adulto trabalhador que frequenta a EJA todas as noites carrega a esperança na promessa da conquista de uma vida mais justa e digna após concluir seus estudos, é a confiança que os move.

Para além da estrutura física e profissional, é na sala de aula que as dificuldades são percebidas e superadas, mas não sem perseverar. Nas turmas acompanhadas eram perceptíveis as dificuldades em disciplinas como matemática e português, porém, sabiamente, os fatos do cotidiano eram frequentemente trazidos pela professora como exemplos na resolução de questões. É inegável que a aprendizagem é significativa quando o assunto é de valor imediato, segundo Leite (2014, p.118) “é importante dar voz aos sujeitos valorizando seus conhecimentos e sua visão de mundo”.

A noite não é só de aulas, e como forma de proporcionar descontração, o horário destinado ao intervalo entre as aulas é animado com música no refeitório, organizado pela supervisora da noite, que durante nossas observações não mediu esforços para manter o interesse dos alunos na escola sendo uma pessoa muito querida por eles e pelos demais funcionários.

A escola Luiz Vaz de Camões não difere estruturalmente de outras escolas municipais da cidade de João Pessoa, e nem está isenta das dificuldades que muitas enfrentam no dia a dia, mas existe ali uma revolução que não sentimos em outras escolas visitadas, durante o percurso acadêmico desta autora. A supervisora do período noturno em parceria com sua equipe e com o apoio da direção escolar, organiza aulas extracurriculares e eventos de interesse dos alunos com o objetivo de mantê-los motivados.

Imagem 3 – Festa Junina das turmas de EJA da EMEF Luiz Vaz de Camões



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

É um exemplo de que a escola se faz com pessoas e para pessoas, e uma equipe escolar impacta na rotina e no interesse dos alunos que frequentam as aulas noturnas.

A escrita desta monografia tem o olhar crítico de estudante, mas tem também o coração, e durante minhas idas à escola no período do estágio obrigatório, nas observações e entrevistas para esta pesquisa, pude sentir a esperança nas falas e atitudes dos alunos que mesmo cansados da jornada de trabalho se deslocam até a escola todas as noites renovando as esperanças de um futuro melhor.

3.2 A Construção de Narrativas: Análises e Resultados

A afetividade no ensino de jovens e adultos sempre chamou minha atenção antes mesmo de qualquer leitura sobre o tema, e meu interesse se aprofundou quando cursei disciplinas que tinham como foco a EJA. A leitura de Paulo Freire, Sergio Leite, Daniela Gazoli, entre outros autores, despertou ainda mais meu interesse em escrever sobre o tema, se consolidando quando em uma aula de uma disciplina sobre a EJA, tive a oportunidade de ouvir o relato de professores que lecionavam para jovens e adultos, ouvi-los me levaram a crer que mesmo diante das dificuldades existe a possibilidade.

Este estudo foi organizado em dois momentos, sendo um deles a pesquisa bibliográfica pois ela amplia nossos conhecimentos obtidos no percurso acadêmico através das leituras de livros, artigos científicos, a busca em sites acadêmicos, portanto:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. (Gerhardt; Silveira, 2009, p32)

No segundo momento seguimos com a metodologia qualitativa pois objetivamos compreender a influência da afetividade no processo de ensino e aprendizagem a partir da visão dos sujeitos envolvidos. Segundo Marconi e Lakatos (2005, p.269), a pesquisa qualitativa “[...] fornece análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamentos.” Sendo assim, o pesquisador tende a um pensar mais livre sobre o objeto de estudo.

Com o intuito de alcançarmos os objetivos para esta pesquisa, optamos pela coleta de dados através da observação sem interferência, seguida de entrevistas semiestruturadas. A observação é uma importante aliada na compreensão de determinados padrões comportamentais das pessoas:

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar. É um elemento básico de investigação científica, utilizado na pesquisa

de campo e se constitui na técnica fundamental da Antropologia. (Marconi; Lakatos, 2015, p.76)

As observações foram realizadas durante o Estágio Supervisionado Obrigatório e todos os acontecimentos que ocorriam dentro e fora da sala de aula foram registrados, contribuindo para posterior análise além de delinear a construção das perguntas que fariam parte da entrevista.

A entrevista semiestruturada foi escolhida como forma de resgatar a memória das professoras e das alunas entrevistadas, sendo composta de um roteiro que variava de 10 a 15 perguntas abertas de forma que pudéssemos, durante o diálogo, ir construindo ou reconstruindo questões deixando-as livres para se expressarem.

A realização da entrevista deu-se nas dependências da própria escola, em dias diferentes e em local escolhido pela supervisora. A professora participante da pesquisa foi a que acompanhei durante meu estágio e que lecionava neste período, nos ciclos I e II, e como mencionado anteriormente, ela é Pedagoga, tem Especialização em Orientação e Supervisão e Educação de Jovens e Adultos, atua há dez anos na EJA porque gosta da modalidade e leciona também no Ensino Fundamental I Regular.

Optamos por entrevistar também a supervisora que atua no turno da noite pois, durante a fase de observação mostrou-se bem atuante nos processos de ensino e aprendizagem das turmas da EJA. Ela é Pedagoga, Historiadora e trabalha com a Educação de Jovens e Adultos há quarenta e um anos, antes de atuar na escola trabalhava na Secretaria de Educação do Município na área de Coordenação da EJA.

No que diz respeito a percepção de alunos sobre o tema afetividade, optamos por entrevistar apenas 03 (três) alunas do ciclo II, o que no tocante a coleta de dados era suficiente para esta pesquisa e serão aqui identificadas como aluna1 (60 anos), aluna2 (53 anos) e aluna3 (54 anos).

As entrevistas foram cedidas e gravadas com o consentimento de todos os envolvidos que leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e com o consentimento da direção da escola que recebeu o Termo de Ciência da Instituição. Posteriormente todo o material foi transcrito e analisado com o embasamento teórico de estudiosos do tema como Freire (1996), Leite (2014) e Gazoli (2013).

As primeiras entrevistas foram direcionadas a professora e a supervisora, que conforme nossas observações exercem um papel fundamental no cotidiano escolar dos alunos noturnos, pela disposição que demonstram em ouvir e estar presentes para eles.

Ao primeiro questionamento sobre o significado de afetividade dentro da EJA, a resposta da professora e da supervisora apontou para o acolhimento do aluno como sendo único:

A afetividade é um dos pilares da EJA. Acolher o estudante da EJA, evidenciar a sua importância para a escola e para a sociedade, fazer com que ele adquira confiança em si, enxergando-se como um ser humano capaz de construir uma nova história faz parte do trabalho afetivo do professor. A afetividade é a peça central na educação de Jovens e Adultos. (Professora)

Afetividade dentro da EJA, é esse acolhimento, esse olhar no olho, ver o aluno como gente, sabe? Para mim é isso aí, é receber com um abraço, com um sorriso. (Supervisora)

A supervisora se emociona quando relata perceber a troca de afeto nas falas de alguns alunos quando chegam à escola:

[...] Eles dizem muito assim: tem dia que a gente vem tão pra baixo, mas quando chega aqui tu tá alegre. Eu procuro contagiar sabe? Contagiar os alunos, contagiar os professores, que eu acredito, eu acredito na educação e acredito na EJA.

É notório o entendimento que a professora e a supervisora têm, do significado de afeto na EJA, pois demonstraram não só nas falas, mas também nas atitudes, conforme observamos em nossas idas à escola. O cuidado com os alunos adultos requer o estabelecimento de vínculos para garantir-lhes a autoconfiança, pois muitas vezes chegam à escola considerando-se incapazes de evoluir nas práticas educativas.

Freire (1996, p.53) já dizia em sua *Pedagogia da Autonomia*:

Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna.

Com o apoio da afirmação de Paulo Freire de que a educação lida com gente e não com coisa, perguntamos à professora e à supervisora, como lidam com as particularidades de cada aluno, se cada um traz um perfil diferente apesar de possuírem histórias de vida semelhantes. As respostas reafirmam nossas pesquisas teóricas sobre o tema deste trabalho:

Cada um tem seu jeito próprio de se comportar, de aprender, de demonstrar contentamento ou insatisfação. Na medida do possível as individualidades são atendidas, seja através de uma metodologia diferenciada, atividades adaptadas ou até mesmo ajustando a linguagem falada para conseguir alcançar cada um. (Professora)

Lido olhando as diferenças, porque cada aluno tem suas particularidades, suas histórias de vida. Quando eles vêm pra EJA já vem porque foram excluídos de alguma maneira né? Cada um tem seu objetivo sabe? E isso me fascina, todo dia é uma história diferente. Então eu vejo um aluno como gente, não é um número nenhum, tudo do mesmo jeito, não, cada um do seu jeito, sua história, com seu vocabulário, sua vestimenta. (Supervisora)

Freire (1996) orientava a não se pretender agir como terapeuta, e este estudo não pretende apontar a afetividade como uma terapia ou como a única forma de aproximar-se dos alunos que procuram a EJA, mas pelas características de exclusão e fracasso que marcam a história desses jovens e adultos, o olhar diferenciado e atitudes afetivas, é um caminho para promover impactos positivos aumentando as chances de que eles continuem seu processo educativo.

Tal afirmação é ilustrada pela fala da Supervisora ao ser questionada sobre os índices de evasão na EJA, segundo ela a escola faz uma busca ativa constante, que tem mantido os índices de evasão baixos a cada ano, porém no momento desta entrevista, não foi possível apresentar os números deste índice.

Para a Supervisora, a juvenilização da EJA é um dos motivos de evasão, pois segundo ela, os alunos mais velhos tendem a ser mais frequentes nas aulas, enquanto os mais jovens tendem a desistir mais facilmente. Mas a estratégia adotada pela escola quando um aluno tem faltas frequentes, é ligar e carinhosamente chamá-lo de volta à escola.

Foi perguntado para as alunas o que as motiva a frequentar as aulas, as respostas vêm comprovar as falas da professora e da supervisora sobre como demonstram sua afetividade:

O que me motiva é a professora, os amigos da escola, os colegas e aquela vontade que eu tenho de aprender né? Aqui sou bem recebida, me sinto bem na sala de aula, gosto muito do professor né? Você vim pra sala de aula tem que gostar do professor e dos seus colegas. (Aluna2)

Às vezes é pra não ficar em casa só, eu venho pra me distrair né? Que sou só eu e minha filha. Sou bem recebida aqui, me sinto bem. (Aluna3)

O que me motiva é que eu quero mostrar pra mim mesmo que eu vou conseguir, tá entendendo? Eu só quero terminar o segundo grau porque eu não tenho mais paciência, não, não tenho. Mas aí a professora sempre bota a gente pra cima, pra gente fazer um concurso, um Enem. Deus me livre chegar o Enem. Aí quando a professora falava eu chegava em casa e ficava pensando, ano que vem eu tô com 61, será que eu vou conseguir fazer alguma coisa? (Aluna1)

Mesmo quando o aluno procura a EJA para “se distrair” de sua rotina diária, como lemos em um dos depoimentos das alunas, suas falas deixam claro o quão fundamental é o papel do professor na formação da opinião de seus alunos, não menos importante é o papel da comunidade que faz a escola como a direção, a coordenação e os colegas. Conforme Leite (2014, p.69-70):

A área de EJA parece ser, por excelência, uma instância que exige um cuidado extremo no planejamento, no sentido de garantir um ambiente afetivamente favorável para os alunos, visando ao estabelecimento de vínculos de “aproximação” com os conteúdos e práticas desenvolvidas.

Ao analisarmos as falas das alunas percebemos a presença do afeto nas relações entre seus colegas e professores e o quanto essas relações ajudam na permanência dessas alunas na escola, seus depoimentos dizem muito sobre o sentimento de pertença a algum lugar, de aceitação. Quando perguntado sobre o significado da palavra afeto, todas tinham a ideia de que a afetividade tem a ver com o querer bem a outra pessoa, com demonstrar respeito:

Afeto é amizade. (Aluna2)

Amor né? É carinho. (Aluna3)

É você ter aquele carinho pela aquela pessoa, eu tenho carinho por todos da minha sala. (Aluna1)

A resposta das alunas indica que para elas a afetividade está ligada a algo sensível, ao carinho e ao respeito que nutrem por seus pares. Mais uma vez os depoimentos de professoras e alunas nos leva a evidenciar a afetividade nas interações e a perceber a preocupação no tratamento com o outro e o cuidado em manter um ambiente afetivo que vai se refletir na aprendizagem.

Se as relações afetivas na sala de aula aproximam alunas e professora, então a afetividade se entrelaça com o compromisso do professor e o seu empenho em contribuir com a aprendizagem do seu aluno, transformando a realidade vivenciada por ele.

O ensino e a aprendizagem estão ligados ao convencimento, a comunicação, a participação e a condução do professor em desenvolver uma relação de troca com seus alunos, identificando metodologias que possam contribuir com a aprendizagem. Ao ser indagada se a metodologia que utiliza alcança a todos os seus alunos, eis a resposta da professora:

Sim, as atividades são planejadas de modo a contemplar jovens adultos e idosos. Realizo uma sondagem para verificar as facilidades e dificuldades apresentadas pelos estudantes, o planejamento é elaborado de acordo com esse levantamento. Na maioria das vezes a dificuldade se dá em torno do processo de alfabetização e letramento, então costumo dividir os grupos ora em níveis de escrita semelhantes, ora em níveis diversificados. Durante as vivências percebo como a aprendizagem em pares colabora significativamente no processo de aprendizagem dos alunos.

Ao analisarmos a fala da professora no que diz respeito a sua metodologia, percebemos a ciência que ela tem de sua importância para os alunos, e que por meio do diálogo, da compreensão, e por que não dizer, do afeto, constrói uma relação significativa para a construção do conhecimento.

Durante o período de observação acompanhamos a metodologia que a professora utilizava em suas aulas e como já mencionamos, a escola não dispõe de livros didáticos para as turmas da EJA e as atividades são planejadas previamente pela professora. Em vários momentos da aula, ela solicitava que algum aluno fosse a secretaria e tirasse cópias de atividades que contemplavam alunos divididos conforme o grau de dificuldade levantado por ela.

Desse modo ao compreender as dificuldades de seus alunos e se envolver na busca por estratégias pedagógicas e criativas para uma aula prazerosa, a professora desperta o interesse do aluno pelo objeto do conhecimento, e o sentimento de valorização, de amor e de respeito para aprender uns com os outros. A afetividade permeia essas relações de ensino e aprendizagem, pois segundo Leite e Tassoni (2002, p.20):

[...] a afetividade está presente em todas as principais decisões de ensino assumidas pelo professor, constituindo-se como fator fundante das relações que se estabelecem entre os alunos e os conteúdos escolares. A natureza da mediação, portanto, é um dos principais fatores determinantes da qualidade dos vínculos que se estabelecerão entre o sujeito e o objeto do conhecimento.

Os autores ainda afirmam que, o que determina o interesse dos alunos no objeto de estudo é a qualidade da mediação. Podemos reiterar que as mediações pedagógicas feita pelo professor quando permeadas por sentimento de acolhimento, simpatia, segurança e respeito, elencadas pelos autores, humanizam as relações professor-aluno e marcam sua relação com o objeto do conhecimento aumentando sua autonomia e capacidade de tomar decisões.

Ao questionarmos as alunas sobre o que mais gostam de estudar e sobre como a professora ajuda a entender os assuntos, as respostas ilustram o exposto acima, pelos autores:

Eu gosto de matemática, ciências, geografia, eu gosto mais de português né? O português a gente erra, mas eu gosto, a professora é ótima, ensina muito bem e me sinto à vontade para perguntar, ela responde, ela tira as dúvidas. (Aluna3)

Eu gosto de todas, menos matemática. Ah, ela (professora) me ajuda a aprender, porque ela tá me passando uma tarefa, eu não tô entendendo, vou lá perguntar pra ela e ela tem a maior paciência de me explicar tudinho até eu aprender. Não tenho vergonha de perguntar, ela responde numa boa, digo não tô entendendo, ela vem de novo me ensina de novo, isso me motiva muito. (Aluna2)

Eu gosto de história, eu gosto de geografia. O jeito que a professora ensina é tão bom que matemática tá entrando na minha cabeça. O jeito que ela fala, olha para os alunos. Ela dá conta das duas turmas tranquila né? É difícil, fica agitado, mas ela consegue, ela dá uma folha pra gente desse lado, e o ciclo 1 é outra folha, tem gente que ainda não sabe ler, mas quando ela passa na folhinha, faz, entendeu? Eu vejo o esforço da pessoa e isso me motiva. (Aluna1)

Diante destes depoimentos podemos perceber que o diferencial desta aprendizagem está na qualidade das interações e, segundo Gazoli (2013, p.40) é este diferencial que pode transformar a experiência de aprender em uma interação de aproximação ou de afastamento do aluno com os conteúdos didáticos e por consequência, com a escola.

O aluno quando reconhece a relevância do que está sendo ensinado estabelece um elo com o professor que é capaz de levar para a vida inteira os seus ensinamentos, percebe-se assim a importância do ensinar, pois o simples fato de frequentar as aulas não garante ao aluno a aprendizagem dos conteúdos. Ensinar não é tarefa fácil, mas nesse processo é importante que as ações do professor possam transmitir afetividade e que esse elo mostre caminhos para o aluno se sentir confortável em aprender os conteúdos.

Perguntamos a professora e a supervisora quais os desafios de sua prática docente dentro da modalidade da EJA, ao que responderam:

Os desafios dependem da realidade de cada escola né? Aqui na Luiz Vaz o que eu noto é a questão da irregularidade na frequência, é o nosso maior desafio. Por tudo e por nada eles faltam. (Supervisora)

A EJA enfrenta muitos desafios que parte de uma visão macro e atinge sobremaneira os que estão na escola. As dificuldades vão desde a ausência de um olhar diferenciado para esta modalidade (investimento, políticas públicas, currículos, material didático), até a baixa autoestima dos alunos, diferença entre idades e evasão escolar. (Professora)

A visão da professora aponta inúmeros desafios que precisam ser vencidos para que uma educação de mais qualidade seja oferecida a esse público. É preciso compreender as especificidades educacionais de ensino-aprendizagem para o público da EJA, e perceber que os desafios vão além da frequência escolar apontada pela supervisora, fato também relevante diante dos desafios que permeiam esta modalidade de ensino mas, historicamente a EJA tem travado uma luta com o poder público em busca de maiores investimentos, e como apontado pela professora é notório a ausência de um olhar diferenciado.

Ao questionarmos o papel da escola no apoio ao processo de ensino-aprendizagem ouvimos a confirmação da professora de que “a escola se mostra aberta para ajudar

na medida do possível”. Tal afirmação é reiterada pelo depoimento da supervisora ao dizer que a direção da escola apoia as ações que acontecem no turno da noite.

As ações a que a supervisora se refere são orquestradas por ela ou pelos professores e consistem em atividades que pode variar de uma aula campo em algum lugar que já foi tema de estudo em sala de aula, uma palestra ou uma aula de pilates, ou o uso das mídias digitais que existem na escola como a tv, o computador, o tablet.

A dificuldade em planejar determinada atividade por exemplo, nem sempre pode ser sanada pela escola, mas depende do apoio da Secretaria de Educação do Município que muitas vezes não consegue atender a todas as solicitações da mesma.

Para além das dificuldades elencadas pela professora nos deparamos com a parceria da equipe escolar que juntos, buscam se apoiar trabalhando os conteúdos de maneiras diferentes para que os alunos possam deter o conhecimento com igualdade, mas respeitando suas especificidades. Sobre a influência das propostas pedagógicas refletindo na aprendizagem dos alunos, Gazoli (2020, p.65) diz:

É indispensável, ainda, entender que a proposta pedagógica vivenciada em aulas irá influenciar diretamente o envolvimento desses educandos, sua aprendizagem e a superação de suas dificuldades, desafiando-os a aprender e incentivando-os a retornar todos os dias, apesar das dificuldades por eles enfrentadas cotidianamente.

Esse esforço coletivo se funda na afetividade dos envolvidos que buscam alternativas de ensino como incentivo a que os alunos não desistam. A professora tem a compreensão de que sua afetividade contribui para a aprendizagem de seus alunos, conforme o trecho a seguir:

O aluno que sente afeição pelo docente é um aluno que aprende com mais facilidade, pois o aluno se sente seguro de perguntar, de tirar dúvida sabendo que não será oprimido pelo docente, traz mais segurança e conforto gerando assim resultados positivos no processo de aprendizagem. (Professora)

A mesma indagação foi feita para a supervisora que compartilha de opinião parecida a da professora:

Eu acredito que a afetividade entre alunos e professores contribui para a aprendizagem, inclusive eu escuto dos alunos assim: que professor bacana, ele conversou comigo. A gente desconstrói essa questão de professor estar acima do aluno, os alunos trazem a experiência deles

lá de fora e é uma troca. Aqui não tenho problema de aluno com professor.

Percebe-se que as mediações das relações sociais e pedagógicas é um ponto determinante para se estabelecer a qualidade dos vínculos entre alunos, professores e objeto do conhecimento e ainda influencia a tomada de decisões dos alunos, pois quando perguntamos as alunas entrevistadas se elas achavam que existia uma relação de afeto entre alunos e professores todas responderam que sim. Quando indagamos se pensavam em desistir, eis as respostas:

Não penso em desistir, minha motivação vem dos colegas, professora e da vontade que tenho de aprender né? Porque é muito ruim você ler e não saber escrever, aí você quer seguir até o último ciclo. Até aprender. Se chove ou faz sol eu gosto de tá aqui, as vezes eu chego tarde porque não dá pra chegar cedo, mas eu vou pra escola. (Aluna2)

Já pensei em desistir. A gente trabalha tanto o dia todinho, aí a noite a gente não tem aquela coragem né? De vir. Tem hora que não dá vontade. Não tem a ver com a escola, tem a ver comigo, uns problemas em casa, as vezes o cansaço. Mas as colegas acabam me motivando. (Aluna3)

Não, eu não. Eu não gosto é de faltar! Às vezes me dá preguiça de vir, mas o não vir não quer dizer que tá me dando vontade de desistir entendeu? (Aluna1)

Todas afirmaram que as relações afetivas na sala de aula ajudam na aprendizagem e é importante cultivá-las pois favorece o respeito, o carinho e a confiança na equipe escolar, funcionando como uma mola que vai impulsionando-os a não desistirem.

Acredito que enquanto educadores da EJA, é preciso entender que os jovens, os adultos e os idosos possuem uma enorme carga de conhecimento que não deve ser ignorada, a professora de fato mostra ter um compromisso com os alunos permeado por afeto, e isto foi de fácil verificação observando suas atitudes, postura e discurso.

É inegável as marcas positivas que a professora deixará em seus alunos tendo como parâmetro os depoimentos das alunas e o comportamento do restante da turma, observado por nós. Para Paulo Freire, a educação é bem mais que teorias, técnicas ou currículos, mas diz respeito a ênfase nas relações sociais voltadas para uma educação humanizadora:

Não há docência sem discência [...] ou seja, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. [...] Ensinar um aluno, é muito mais que simplesmente transmitir conhecimentos, é criar possibilidades para os alunos construírem seus conhecimentos de forma autônoma e crítica. (Freire, 1996, p.13-16-25)

Com esta afirmação, é correto afirmar que ser autônomo é exercitar a capacidade de decidir qual o melhor caminho a seguir, considerando as escolhas e pontos de vistas dos educandos, para isto torna-se indispensável pensar de que forma a afetividade pode contribuir na receptividade com os educandos da EJA, como possibilidade de ação pedagógica.

Partindo deste princípio, percebemos que a afetividade, enquanto possibilidade de ação pedagógica, facilita o processo de aceitação dos alunos, favorecendo um ambiente acolhedor e motivador, em que os aprendentes se tornam mais predispostos a se sentirem valorizados e reconhecidos como cidadãos de direitos e deveres, e que sua ausência pode influenciar diretamente o desenvolvimento intelectual e cognitivo, podendo gerar desmotivação e desinteresse e até mesmo a evasão escolar.

Portanto, o educador tem a capacidade de escutar e possibilitar aos educandos condições necessárias para o entendimento da aprendizagem de maneira gradativa, respeitando limites e auxiliando a cada um a reconquista de sua autoestima. Segundo Leite (2014, p.118):

[...] a importância da prática de dar voz aos sujeitos em sala de aula, tanto na interação professor-aluno, quanto aluno-aluno, para uma aprendizagem prazerosa que valoriza os alunos, seus conhecimentos e sua visão de mundo, destacando que a ausência dessa interação pode desmotivar os alunos e até comprometer a relação destes com o aprendizado dos conteúdos.

Compreendemos então que, dar voz aos educandos é percebê-los como sujeitos dignos de uma educação transformadora, e uma prática que os valoriza e auxilia na aprendizagem, tornando-os parte integrante das atividades e centro de seu próprio desenvolvimento escolar, social e afetivo.

Toda relação estabelecida entre professor e aluno requer uma medida de afeto e este trabalho nos levou a perceber o quanto é importante o professor transmitir afeto ao aluno, isso pode elevar sua autoestima, tornar a sala de aula mais harmoniosa e a aprendizagem mais prazerosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As turmas dos ciclos I e II da EJA que acompanhamos no período em que se deu a coleta de dados para esta pesquisa, nos deu aporte para nossas reflexões sobre a afetividade e os processos de ensino e aprendizagem com jovens e adultos. Em todo nosso percurso procuramos compreender como um ambiente afetivo interfere na aprendizagem do aluno, e foi a partir da revisão de literatura de alguns autores que pesquisaram o tema, que iniciamos nossa jornada.

Diante dos relatos que colhemos nas entrevistas com atores diretamente envolvidos neste processo, refletimos e consideramos que a afetividade interfere positivamente no ensino e na aprendizagem.

Os dados coletados mostraram que as metodologias utilizadas pela professora eram pensadas por ela, com o propósito de que o conhecimento fosse ensinado com total aproveitamento por cada aluno. Para obter êxito foi preciso o empenho da professora em conhecer seus alunos para que pudesse planejar suas aulas de acordo com as especificidades de cada um.

Quando os alunos que frequentam a EJA percebem um ambiente escolar encorajador, compreensivo, estimulante a trocas afetuosas, o nível de segurança aumenta e quando estão à vontade dão asas aos pensamentos, falam sem medo, se alegram, se emocionam, expressam o que sabem e o que desejam saber.

Durante as idas à escola para as observações e entrevistas que culminaram nesta monografia, verificamos na prática as especificidades deste público da EJA que trazem experiências e visões de mundo diversas, com crenças e valores já constituídos. A escola para estes alunos, é um espaço de sociabilidade e transformação em que encontram afeto, e contagiados por ele, vão percebendo o significado de seu lugar no mundo, de trabalhador formal ou informal, vão transformando-o e transformando-se, não importando se são ainda analfabetos.

A discussão sobre a afetividade na compreensão do processo de ensino aprendizagem dos jovens e adultos aprendentes pode vir a ser uma atividade desafiadora para o docente, pensando na proximidade com desses sujeitos.

Este trabalho nos fez refletir sobre a qualidade das relações afetivas estabelecidas entre os alunos e os conteúdos desenvolvidos, e durante o percurso dos nossos

estudos teóricos, podemos dizer que a qualidade vai depender da utilização de práticas pedagógicas concretas, que produzam impactos afetivos nos alunos.

Tais impactos podem aproximar ou afastar o aluno do respectivo conteúdo, portanto o desenvolvimento de estratégias de ensino que aproximem os educandos a partir da afetividade e empatia pode vir a ser o fio condutor que manterá o aluno da EJA motivado a seguir aprendendo, e o professor deve ter consciência de sua responsabilidade afetiva para com esses alunos, pois exerce um papel significativo na aprendizagem vivenciada por eles.

Neste contexto compreendemos que a professora usa a afetividade na prática pedagógica e na interação com seus alunos e se reconhece como um sujeito afetivo, suas práticas assim o indicam. Desde o acolhimento na chegada à sala ao início da aula, foi criado um ambiente acolhedor de respeito e segurança, e ao dar voz aos seus alunos, a escutá-los, a professora entrevistada despertou neles a vontade de aprender cada vez mais, o que fica evidente nos depoimentos das alunas entrevistadas.

De acordo com os relatos dos alunos que entrevistamos e das observações durante as interações pedagógicas, consideramos que eles possuem uma relação de confiança com a professora e a supervisora, alguns as consideram como amigas e confidentes de assuntos pessoais. Esse exposto demonstra a expectativa dos alunos em serem compreendidos, e quando sentem-se acolhidos, um laço de afeto é formado e então, aluno e professor se unem num mesmo propósito de leitura de mundo.

Esperamos que os resultados encontrados possam contribuir para que a afetividade seja reconhecida como uma prática positiva nas relações de ensino e aprendizagem com alunos da EJA, e que auxilie na diminuição das evasões desses alunos que chegam à escola com o estigma da exclusão.

Queremos ressaltar que com este estudo, pretendemos gerar inquietações no leitor, pois todo estudo pode ter novos significados a partir de outros contextos e outros sujeitos, expondo seus pontos de vista a respeito do tema afetividade na relação do ensino-aprendizagem dos jovens e adultos.

Em nossas reflexões finais compreendemos que a construção de relações afetivas entre professores e alunos, e alunos com seus pares é um facilitador no desenvolvimento de um aprendizado bem mais significativo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. Tradução da 1ª edição por Alfredo Bossi, 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AFETIVIDADE. In: Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Ed. Positivo, 2010.

ALMEIDA, L.R. de (org.) **Afetividade, aprendizagem e educação de jovens e adultos**: relatos de pesquisa na perspectiva de Henri Wallon - 1ª ed. São Paulo: Loyola, 2012.

ARAÚJO, José Carlos Souza: **Sala de aula**: um confronto entre o proposto e o vivido. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro: A prática pedagógica do professor de didática. 7 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

ARROYO, Miguel González. **Passageiros da Noite**: do Trabalho para a EJA. Itinerários pelo Direito a uma Vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

BRASIL. **Parecer CNE/CBE n.º 1, de 18 de maio de 2021**. Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/parecer_ceb_2021. Acesso em: 10 out. 2023.

BRASIL. Constituição (1988). **Emenda Constitucional n.º 59 de 11 de novembro de 2009**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc59.htm. Acesso em 20 set. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em <https://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf>. Acesso em 20 de set. 2023.

FERREIRA, G.R.; RIBEIRO, P.R.M. **A importância da afetividade na educação**. DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, v.21, n.1, p.88-103, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa/1996, 25ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14.ed. Rev. atual - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, 23 reimpressão, 1994.

GAZOLI, Daniela G.D. **Afetividade e condições de ensino na educação de jovens e adultos**. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: [s.n.], 2013.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JARDILINO, José R.L.; ARAÚJO, Regina M. B. de. **Educação de jovens e adultos: sujeitos, saberes e práticas**. São Paulo: Cortez, 2014.

LEITE, S.A.S. (org.) **Afetividade e letramento na educação de jovens e adultos EJA** [livro eletrônico] /-- 1ª ed. -- São Paulo: Cortez, 2014.

LEITE, S. A. da S; TASSONI, E. C. M. (2002). **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor**. In R. Azzi, & A. M. Sadalla (Orgs.), *Psicologia e Formação Docente* (pp. 113-141). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. Disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf> Acesso em: 25 de ago.2024.

LOBO, Luiz. **A experiência de Angicos**. Em Aberto, Brasília, v.26, n.90, p.123-129, jul./dez. 2013.

MANZINI, E.J. **Entrevista semi- estruturada: análise de objetivos e de roteiros**. In: Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos, 2004. Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Anais ... Bauru: USC, 2004. Acesso em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini-2004-entrevista-semi-estruturada.pdf>. Acesso em outubro de 2023.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica - 5ª ed.**, Ed. Atlas, São Paulo, 2005.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados - 7ª ed. - 8ª reimpr.** - São Paulo: Atlas, 2015.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, E.C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª ed.- Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

Resolução nº 510/2016. Disponível em: <https://www2.ufff.br/comitedeetica/wp-content/uploads/sites/80/2016/06/Reso510pdf>. Acesso em outubro de 2023.

Resolução CNS 466/12. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/artigos-cientificos/o-que-muda-na-ética-em-pesquisa-no-Brasil-resolução-de-saúde>. Acesso em outubro de 2023.

SANCHES, Emília C. **Saberes e afetos do ser professor**. 1ª ed.- São Paulo: Cortez, 2019, ePub.

SILVA, Priscila Anne Monteiro da. **Bairro de Mangabeira: um subcentro urbano na cidade de João Pessoa/PB**. 2014, 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Paraíba. Joao Pessoa, 2014.

TASSONI, Elvira C.M. **Afetividade e aprendizagem**: A relação professor-aluno. Anuário 2000. GT Psicologia da educação, Anped, setembro 2000. Disponível em: <https://23reuniao.anped.org.br/textos/2019.pdf>. Acesso em setembro de 2023.

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena introdução à filosofia da educação**: a escola progressiva ou a transformação da escola. 5. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1968, 150p. Disponível em: <https://www.bvanisioteixeira.ufba.br> Acesso em 17 de jan. 2024.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista da Professora da EJA

- 1- Qual sua formação e quanto tempo trabalha na EJA?
- 2- Na sua sala de aula cada aluno tem um perfil diferente apesar de possuírem histórias de vida semelhantes. Como você lida com as particularidades de cada um?
- 3- Qual a metodologia que você utiliza para conseguir atender a todos?
- 4- Para você qual é o significado de afetividade dentro da Educação de Jovens e Adultos?
- 5- De que maneira você acha que a sua afetividade com seus alunos contribui para uma aprendizagem efetiva?
- 6- Quais os maiores desafios na prática docente?
- 7- A escola apoia a EJA?
- 8- Qual o grau de evasão escolar da EJA nesta instituição e quais as medidas para superar a evasão?
- 9- Como você avalia o rendimento dos estudantes que trabalham durante o dia?
- 10-As práticas pedagógicas contemplam os jovens e adultos que estão na mesma sala?

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista para a Supervisora Escolar da EJA

- 1- Qual sua formação e quanto tempo trabalha com a EJA?
- 2- Quais os principais desafios no trabalho com a EJA?
- 3- Cada aluno tem um perfil diferente apesar de possuírem histórias de vida semelhantes. Como você lida com as particularidades de cada um?
- 4- Quais estratégias você utiliza para motivar os alunos adultos a continuarem seus estudos?
- 5- Para você qual é o significado de afetividade dentro da Educação de Jovens e Adultos?
- 6- Você percebe a afetividade presente na rotina da escola?
- 7- Qual a sua opinião sobre as relações afetivas entre os alunos e entre professores e alunos desta escola?
- 8- Você acredita que a afetividade entre professores e alunos contribui para uma melhor aprendizagem?
- 9- Quais as principais parcerias que a escola tem para apoiar os alunos da EJA?
- 10- Qual o grau de evasão escolar da EJA nesta instituição e quais as medidas para superar a evasão escolar?

APÊNDICE C – Roteiro de Entrevista para Alunos da EJA

- 1-Quais motivos levaram você a se matricular na EJA?
- 2- O que mais motiva você a frequentar as aulas?
- 3- O que você entende por afetividade?
- 4- Como você é recebido na escola?
- 5- Como você se sente na sala de aula?
- 6- Você acha que é importante ter um bom relacionamento entre professores e alunos?
- 7- Qual matéria você mais gosta de estudar?
- 8- Como a professora te ajuda a entender os alunos?
- 9- O que você mais gosta nas explicações da professora?
- 10- Quando você não entende algum assunto, se sente à vontade para perguntar?
- 11- Você acha que o afeto entre aluno e professora contribui para a sua aprendizagem e permanência na escola?
- 12- Já pensou em desistir? Se sim, por quê?
- 13- Você construiu novas amizades na escola?
- 14- Você é bem tratado pelos colegas?

APÊNDICE D - Autorização para Entrevistas

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO

AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTAS

Vimos por meio desta, solicitar autorização para realizar entrevistas com estudantes da Educação de Jovens e Adultos para a pesquisa **A afetividade como parte do processo de ensino-aprendizagem na educação de jovens e adultos**. Os possíveis entrevistados serão consultados sobre a sua disponibilidade, sendo assinado em comum acordo o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (anexo).

João Pessoa, xx de XXXX de 2024.

Eliane Alves da Silva Almeida
Matrícula:
Pesquisadora
e-mail: siljoeli1@gmail.com

Dr Vanderlan Paulo de Oliveira Pereira
DME (Departamento de Metodologia da Educação) – UFPB
SIAPE: 1076670
e-mail: vanderlanpaulo@gmail.com

APÊNDICE E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE Pelo presente
 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu
 _____ em pleno
 exercício dos meus direitos me disponho a participar da pesquisa para o TCC que tem
 como tema **A afetividade como parte do processo de ensino-aprendizagem na
 educação de jovens e adultos.**

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

- O trabalho **A afetividade como parte do processo de ensino-aprendizagem na educação de jovens e adultos** terá como objetivo geral compreender de que forma a afetividade pode interferir no processo de ensino-aprendizagem para professores e alunos na educação de jovens e adultos.
- Ao voluntário só caberá a autorização para ser entrevistador tendo suas respostas gravadas, de forma que não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter profissional.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haverá necessidade indenização por parte da equipe científica e /ou da Instituição responsável. Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o participante poderá contatar a equipe científica no número Eliane Alves da Silva Almeida por meio do fone (83) 99178 – 8782.
- Ao final da pesquisam se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma podendo discutir os dados com a pesquisadora.
- Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará sob minha posse.

Desta forma, uma vez lido e entendido tais esclarecimento e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e a assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

João Pessoa, de agosto de 2024.

 Assinatura do entrevistado

 Eliane Alves da Silva Almeida
 Matrícula: 20180085610
 Pesquisadora e Estudante do Curso de Pedagogia - UFP